

VÍTIMAS DO ASSÉDIO MORAL: A VIOLÊNCIA PERVERSA

Magda Maria Colao¹

Resumo: Através da vivência clínica no atendimento às vítimas de assédio moral, bem como do efeito da escuta da minha própria verdade aliada ao *sentimento de estranheza*, assinalo reflexões que me potencializam a identificar meus tratinhos perversos no cotidiano. Sem sombras de dúvida a leitura de HIRIGOYEN, Marie-France, *Assédio moral. A violência perversa no cotidiano*, proporcionou-me movimentos e avanços. O que faz o perverso? Diante da violência perversa na realidade *sacrivivia* atrelada ao emaranhamento das vítimas, aprendo também a hidratar a vida no cotidiano.

Palavras-chave: sentimento de estranheza, assédio moral, perverso.

Introdução

Registro sentimento e reflexão provinda da prática clínica com vítimas do *assédio moral*, da violência perversa, valendo-me de leituras e olhar psicanalítico. Não faço aqui estudo de caso, nem recortes de suas falas, apresento o que decantei ao tratar com seres que foram reificados pelo assédio moral. Psicanálise é deixar o inconsciente falar. Norteia Freud (1996, p. 282): “o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade – isto é, no reconhecimento da realidade – e que isto exclui qualquer tipo de impostura ou engano”. Com a trajetória clínica deparo-me com o que Freud (1976, p. 275) chamou de *o estranho*: “relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador – com o que provoca medo e horror”. Um grito de batalha: ser capaz de viver a angústia. Muito além da injustiça, crime e dor. As vítimas do *assédio moral, a violência perversa no cotidiano* despertaram-me sentimento de estranheza com intenso sofrimento.

O estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. [...] aquilo que é ‘estranho’ é assustador precisamente porque não é conhecido e familiar. Naturalmente, contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador [...]. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. [...] o fator essencial na origem do sentimento de estranheza à incerteza intelectual; de maneira que o estranho seria sempre algo que não se sabe abordar. Quanto mais orientada a pessoa está, no seu ambiente, menos prontamente terá a impressão de algo estranho em relação aos objetos e eventos nesse ambiente. (FREUD, 1976, p. 277)

Quando a vítima entra em choque pela tomada de consciência da agressão percebe de que foi objeto de um ser que tem incapacidade de compreendê-la e não passou de mero brinquedo de uma manipulação. Então, brota vergonha de sua patológica tolerância, a qual permitiu a violência do outro. Visitando Hirigoyen (2012), a sensação da vítima é como se tudo desmoronasse. Como dar conta deste rombo: dor; sujeição; humilhação e desrespeito estampados nos processos de enredamento das vítimas? O caminho via escuta e compreensão da vítima se dá à medida que a verdade vem à tona. Na prática do tratamento psicanalítico as dificuldades surgem desde seus primórdios, não param de se modificar.

¹ Doutora em educação na UFRGS. Psicóloga, orientadora educacional, pedagoga. Membro em formação do círculo psicanalítico do RS. Profª. adjunta da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Pesquisadora da Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação- FACED/UFRGS, e do Núcleo de pesquisa: Proteção Jurídica do meio Ambiente e Saúde – UCS. Trabalho apresentado na jornada de estudos psicanalíticos do círculo psicanalítico do RS em 17.05.2014

É possível propiciar a clínica de vítimas do assédio moral com a prática da psicanálise? Em *Análise terminável e interminável*, Freud (1996, p. 256-57) interroga com bom humor e considera quais os meios e métodos que se tratará: “ não será fácil achar uma resposta. Podemos apenas dizer: a metapsicologia da feiticeira [...], temos apenas uma única pista para começar”. A psicanálise é uma abertura para a transformação. Explora novos campos e entrelaça *links* com as artes; as ciências; a literatura; a psiquiatria; a antropologia; a linguística; a criminologia, a pedagogia. “A prática analítica remete a todas as potencialidades do processo analítico que, por sua vez, implica a infinita gama dos processos psíquicos”, responde Bokanowski (2002, p. 9).

Dialogar com Hirigoyen (psicanalista e vitimóloga) encontrei respaldo para digerir, identificar, assimilar a demanda clínica *sacrificada* no meio perverso. A perversão diz Roudinesco (2008, p. 12): “é um fenômeno sexual, político, social, psíquico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas”. Meu movimento de empoderamento diante destas demandas clínicas tratadas foram: a evolução do meu próprio reconhecimento de tratinhos perversos; a identificação dos emaranhados espaços percorridos e acompanhados pelas vítimas de assédio moral e violência perversa, e o mergulho à luz da literatura, aliadas à supervisão clínica e análise pessoal. Neste ínterim declara Freud (1996):

Sinto-me como se devesse estar envergonhado de tão poderosa exposição, [...] é conhecido e auto-evidente. É fato que sempre nos comportamos como se soubéssemos de tudo isso, mas em sua maioria, nossos conceitos teóricos negligenciaram dar à linha econômica de abordagem a mesma importância que concederam às linhas dinâmica e topográfica. Minha desculpa, portanto é a de que estou chamando a atenção para esta negligência. (p. 257-258).

Desvelo-me nesta clínica com pacientes vítimas de mente e corpo danificados por: intrusões de abuso sexual; violência; negligência, maus tratos. Como também aprendo com aqueles pacientes que sofrem assédio moral: na família; no trabalho; na relação conjugal e demais instituições por onde as agressões estão disfarçadas pelo viés sutil de um rol de negações ou de atitudes de banalizações executadas pelos seus agressores. Cada sujeito tem sua narrativa, sua força seu movimento. A diferença entre um corpo humano e uma pessoa é a história de vida que diante de tamanhos abusos ficam inscritas como *partes obscuras de nós mesmos*. O meio tortuoso destes aprendizados possuem o mesmo denominador comum: vítimas do abuso de poder, de ações perversas e/ou do convívio atrelado no emaranhamento dos perversos narcisistas. O fio condutor de minhas reflexões parte da consciência dos pequenos atos perversos tão corriqueiros que parecem normais. O hoje, o aqui-e-agora está impregnado de violência perversa que nos retorce de indignação, dor e revolta.

Assédio moral

A leitura de HIRIGOYEN, Marie-France, *Assédio moral. A violência perversa no cotidiano* a senti metabolizando uma reação psicossomática. Enfrentei uma desidratação pelas identificações e esforço efetivado para manter-me cônica dos mais ‘singelos’ e disfarçados atos perversos que enfrentamos no nosso cotidiano. Este é o sinal da minha reflexão: guardar em mim uma estética, a qual segundo Freud (1976, p. 275) “se entende não simplesmente a teoria da beleza, mas a teoria das qualidades do sentir”. Conhecer e sentir, não só tratar pacientes vítimas de violência, mas deixar decantar em mim mesma a penosa travessia do assédio moral, que aos olhos do outro pode passar batido. Enquanto hidratava-me do intenso conteúdo, compreendia mais os pacientes vítimas das provocações insuportáveis de seus agressores perversos. A falta e o transformar-se são da condição humana. “Ao longo da vida há encontros estimulantes, que nos incitam a dar o melhor de nós mesmos, mas há igualmente encontros que nos minam e podem terminar nos aniquilando” diz Hirigoyen (2012, p. 9). Invisto no refinamento do meu

próprio recurso de escuta. Parece mais acessível conceber a perversão como “uma circunstância da espécie humana [...], presente em todas as culturas, como pressupõe a preexistência da fala, da linguagem, da arte, até mesmo de um discurso sobre o sexo”, subsidia Roudinesco (2008, p. 11).

Analisar perpassa mundos, entrelaça realidades do sujeito psíquico. Lidar com o mundo simbólico constrói uma diligência rumo às motivações secretas, dando passo a atenção nos detalhes aparentemente insignificantes. Desconstrói um discurso coerente onde a problemática do sujeito é sempre distorcida pelas defesas, resistências e transferências. Pensa Roudinesco (2008, p. 13) que “os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos”. E o enredamento confirma a posição de vítima.

Notas sobre a perversão e o enredamento

Os pacientes que sofrem de grave psicose, os que são intensamente narcisistas e os que não apresentam melhoras nem piora no decorrer do tratamento psicoterápico sempre constituíram um foco especial de meus interesses, introduz Rosenfeld (1987, p. 35). Também há outra demanda, não tem como negar a estratégia perversa a qual, denuncia Hirigoyen (2012, p. 110): “não precisa destruir de imediato o outro, apenas submetê-lo pouco a pouco e mantê-lo à disposição. O que importa para o perverso narcísico é conservar o poder e controlar”. Um perverso dá pouco e exige muito. *A sociedade líquida* transborda: assédios; maus tratos; graves negligências. Mais violentas ainda são as violências sexuais que crianças e adolescentes são submetidas. Os assédios, os abusos conta Gabel (1997, p. 7) “permanecem às vezes dissimulados, devido ao silêncio que os cerca: deve-se à resistência das vítimas em queixarem-se e à surdez dos adultos que cuidam dessas crianças”. Estas vítimas estão numa seara de fatores do silêncio, da solidão e da escuridão que segundo Freud (1976, p. 314) seriam “realmente elementos que participam da formação da ansiedade infantil, elementos dos quais a maioria dos seres humanos jamais se libertou inteiramente”. Ratifica Hirigoyen (2012, p. 12) “o contexto sociocultural atual tolera a perversão e com isso permite que ela se desenvolva”. Um processo perverso pode ser ocasionalmente utilizado por todos nós. Ele só se torna destrutivo quando usado com frequência e com a sua repetição no tempo.

Todo indivíduo “normalmente neurótico” apresenta, em determinados momentos, comportamentos perversos (...), mas ele é também capaz de passar a outros tipos de comportamento (histérico, fóbico, obsessivo...), e a seus movimentos perversos segue-se um questionamento. Um indivíduo perverso é permanentemente perverso; ele está fixado neste modo de relação com o outro e não se questiona em momento algum, salienta Hirigoyen (2012, p. 12).

A perversão fascina, seduz, dá medo e inexistente o reconhecimento do sofrimento do outro que lhe é infligido. Os perversos sabem manipular com naturalidade e só podem existir diminuindo, humilhando, debochando de suas presas. Possuem a necessidade de rebaixá-las para adquirir boa estima e, com ela, obter o poder, pois são ávidos de admiração e de aprovação. Não têm a menor compaixão nem respeito pelos outros porque não sabem amar e não se envolvem em um relacionamento. A ideia da autora é que tanto psicoterapeutas como psiquiatras, juizes, educadores, a sociedade em geral já caímos nas tramas dos perversos que a própria definição de perversão moral é contestada por alguns estudiosos. Porém, “a perversidade não provém de uma perturbação psiquiátrica e sim de uma fria racionalidade,

combinada a uma incapacidade de considerar os outros como seres humanos”, vê Hirigoyen (2012, p. 13).

A psicanálise pode auxiliar a vítima dos atos perversos os quais chocam, perturbam e deixam rastro de amargura, vergonha, aniquilamento enquanto vitimóloga. Mesmo assim com todo sofrimento a vítima é presa na teia de sua própria confusão mental. Não ousa imaginar que tenha havido violência e agressão. O assédio perverso é violência declarada. “É um processo real de destruição moral, que pode levar à doença mental ou ao suicídio” qualifica Hirigoyen (2012, p. 16). As vítimas se calam e sofrem em silenciar. E se falarem no seu meio, passam por desacreditadas. Os apelos destas histórias de vida batem em nossa porta. Frente às demandas, o que fazer?

Primeiro responde Hirigoyen (2012, p. 21): “é contribuir para as vítimas aprenderem a reconhecer o processo perverso; depois, a defender-se e a acumular as provas”. Os maus tratos, a intenção de destruir a vítima e o cheiro de incesto latente é um clima que fica abrasivo no corpo das vítimas como fosse uma tatuagem. “Um clima em que sopra um vento de incesto sem que haja incesto [...]. Ao lado da violência perversa, que consiste em destruir a individualidade de uma criança, encontramos famílias em que reina uma atmosfera doentia”, narra a autora (p. 60). As crianças vítimas de assédio moral sofrem mecanismos de clivagem protetora e veem-se “por vezes portadoras de um núcleo psíquico morto. Tudo que não pode ser metabolizado durante a infância vê-se projetado em permanente passagem a ato na vida adulta. Mesmo que todas as crianças maltratadas não se tornem pais maltratadores, cria-se uma espiral de destruição”. (HIRIGOYEN, 2012, p. 59).

A violência perversa se impregna no cotidiano sem sinais aparentes tanto na vida privada (entre casais/famílias) quanto no assédio em empresas (trabalho) como também na comunicação com outro. Disto há consequências do processo de enredamento, como por exemplo: renúncia; confusão; dúvidas; estresse; medo; isolamento; choque; descompensação. Da vítima é retirada sua capacidade de defesa, senso crítico, extinguindo qualquer possibilidade de rebelião. O enredamento ocorre no campo relacional e tem viscosa influência intelectual ou moral que estabelece uma relação de dominação. O poder leva a vítima a segui-lo por dependência, isto é, por aquiescência e adesão. O perverso ameaça, veladamente, ou intimida com intuito de enfraquecer a vítima e legitima o que pensa, alude Hirigoyen (2012).

A vítima revela Hirigoyen (2012, p. 109) “é apanhada em uma teia de aranha, mantida à disposição, atada psicologicamente, anestesiada”. A vítima não tem consciência de ter sofrido tamanha invasão e fica impedida de reagir e tornando-se cúmplice daquele que a oprime. Fica então coisificada, suportando tudo passivamente. O enredamento não é visível a observadores externos. A mensagem de um perverso é deliberadamente vaga e imprecisa, acarretando desconforto. Sua linguagem surge como deformada, indireta que consiste em responder de maneira imprecisa, evasiva sem importa-se com o que diz, porém encontra sempre meios de ter razão, principalmente quando a vítima está desestabilizada. A comunicação é desatabilizadora com discurso totalitário. O equívoco da vítima está em não ter desconfiado antes as violentas mensagens não-verbais que o perverso utiliza. Logo, a vítima é designada como vítima pelo perverso. Torna-se bode-expiatório, responsável por todo mal. Será daí em diante o alvo da violência. A vítima, enquanto tal, é inocente do crime pelo qual vai pagar. As testemunhas da agressão podem desconfiar da vítima. A atmosfera fica propícia para gol contra. O funcionamento do perverso “consiste em extinguir qualquer vestígio de libido. Ora, a libido é a vida. É preciso, portanto extinguir todo traço de vida, todo desejo. Inclusive o de reagir”, menciona Hirigoyen (2012, p. 155). Diante do perverso o único

recurso é a lei. E para a vítima é urgente que possa recuperar a confiança em seus recursos internos para poder resistir e sair do enredamento.

A vítima da violência perversa no cotidiano pode ter uma evolução muito positiva com o tratamento, entretanto depende do seu desejo para sair do emaranhamento do seu agressor. Por fim, é preciso ajudar a vítima a assumir uma responsabilidade menor pelo trauma. Sair da culpa abre veredas para a vítima se reapropriar do próprio sofrimento, e voltar à sua história pessoal com saúde. Em geral, a vítima possui um histórico de vergonha por não conseguir se defender. Então, quando no contexto surge a crise, esta pode ser um salto para se livrar de um controle mortífero aprendendo a resistir. Permitir-se viver, recuperando a confiança em seus recursos internos, restabelecendo sua harmonia enquanto é irrigada de sua própria libido.

REFERÊNCIAS

- BOKANOWSKI, Thierry. *A prática analítica*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- FREUD, S., Análise terminável e interminável. (1937). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S.Freud*, v. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S., O estranho. (1919). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GABEL, Marceline. *Crianças vítimas de abuso sexual*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1997.
- HIRIGOYEN, Marie France. *Assédio Moral. A violência perversa no cotidiano*. 14.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos. Uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- ROSENFELD, Herbert. *Impasse e interpretação. Fatores terapêuticos no tratamento psicanalítico de pacientes neuróticos, psicóticos e fronteiriços*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.